UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

LEANDRO SOUSA LOPES

**Correspondência Mário de Andrade & Yan de Almeida Prado:
edição de texto fidedigno e anotado**

São Paulo
2018

Universidade de São Paulo
Instituto de Estudos Brasileiros
Programa de Pós-Graduação
Culturas e Identidades Brasileiras

CORRESPONDÊNCIA MÁRIO DE ANDRADE & YAN DE ALMEIDA
PRADO:
EDIÇÃO DE TEXTO FIDEDIGNO E ANOTADA

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-
graduação)

LEANDRO SOUSA LOPES

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Culturas e Identidades
Brasileiras do Instituto de
Estudos Brasileiros da
Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de
Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Estudos Brasileiros

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes
Linha de pesquisa: “Brasil: a Criação da Realidade, a Realidade da
Criação”.

São Paulo
2018

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo
© reprodução total

L864

Lopes, Leandro Sousa

Correspondência Mário de Andrade & Yan de Almeida Prado : edição de texto fidedigno e anotada / Leandro Sousa Lopes ; orientador, Marcos Antonio de Moraes -- São Paulo, 2018.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras. Área de concentração: Estudos Brasileiros. Linha de pesquisa: Brasil: a realidade da criação, a criação da realidade.

Título em inglês: Exchange of letters between Mário de Andrade & Yan de Almeida Prado : a reliable and annotated version.

Descritores: 1. Andrade, Mário de, 1893-1945 2. Prado, João Fernando de Almeida, 1898-1991 3. Epistolografia 4. História Cultural 5. Sociabilidade I. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação II. Moraes, Marcos Antonio de, orient. III. Título.

IEB/SBD56/2018

CDD 22. ed. 869.985

Agradecimentos

Para a realização desta pesquisa de mestrado, sem o auxílio fornecido por agências fomentadoras, contei com o apoio financeiro e afetivo de meus pais, Fátima e Leovergildo. Agradeço a Pedro Henrique Malafaia, pelo apoio emocional, companheirismo e cobranças cotidianas, que me mantiveram em movimento constante desde a concepção de meu projeto de pesquisa até o término da redação desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, meu orientador, por sua paciência, por ter me possibilitado esta imersão pelo universo dos estudos sobre cartas e sociabilidade intelectual e pelas constantes sugestões de leitura. Agradeço pelas lições e pela amizade. Sem seu auxílio esta pesquisa não teria produzido seus frutos.

À Profa. Dra. Ieda Lebensztayn, por ter localizado as seis cartas assinadas por Yan de Almeida Prado no acervo da Academia Paulista de Letras e pelas excelentes contribuições recebidas durante o exame de qualificação. Ao Prof. Dr. Elias Thomé Saliba cujas sugestões dadas no meu exame de qualificação favoreceram avanços na pesquisa.

Às funcionárias do Arquivo IEB, Elisabete Marin Ribas e Patrícia Godoy Gomes, pela atenciosa recepção, no desenvolvimento de minha pesquisa. À equipe da Biblioteca do IEB, em especial à Daniela Piantola, pela disposição em me possibilitar a consulta aos livros da biblioteca de Mário de Andrade.

Agradeço à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, assim como à Academia Paulista de Letras por terem possibilitado o acesso às cartas escritas por Mário de Andrade presentes nesta dissertação.

Aos amigos Lucas Fialho, Regiane Matos e Conrado Vivacqua por conversas regadas a cafés e pelos conselhos recebidos. A Fúlvio Torres Flores por ter sido uma referência como pesquisador e a Reinaldo Ricarte por ter acompanhado minhas divagações durante os passeios de bicicleta pela cidade desvairada, a Estéfano Vitagliano por mais de uma década de amizade e a Elaine Alves por todo o daimoku recebido.

Resumo

Essa dissertação de mestrado se propôs a realizar a edição de texto fidedigno e anotada da correspondência trocada entre os escritores paulistas Mário de Andrade (1893-1945) e Yan de Almeida Prado (1898-1987), entre meados de 1923 e 20 de maio de 1939. Os escritos epistolares coligidos pela pesquisa, conservados no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e na Academia Paulista de Letras, compõem-se de 45 missivas (14 assinadas por Mário de Andrade e 31 por Yan de Almeida Prado). A interlocução fornece importantes elementos para a compreensão de aspectos da sociabilidade no movimento modernista, ao abordar literatura, música, periodismo, política, bibliofilia etc. A investigação buscou difundir novos dados biográficos do autor de *Macunaíma*, bem como lançar luz sobre a atuação de Yan de Almeida Prado no modernismo de São Paulo.

Palavras-chaves: Mário de Andrade; Yan de Almeida Prado; Edição de correspondência, Sociabilidade, História cultural

Abstract

This dissertation aims to present a reliable annotated edition of the correspondence exchanged between the writers Mário de Andrade (1893-1945) and Yan de Almeida Prado (1898-1987), considering the period ranged from mid-1923 to 20th May, 1939. The epistolary writings collected within the scope of this research, which is composed of 45 missives (14 signed by Mario de Andrade and 31 by Yan de Almeida Prado) are found in and preserved by the Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP), Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, USP, and Academia Paulista de Letras. These exchanges have helped to cast light on important sociability elements within the Brazilian modernism, as such topics as Literature, Music, Journalism, Politics, Bibliophily, etc are approached. Additionally, this investigation seeks to publish and disseminate new biographical data from Mário de Andrade as well as bringing into view Yan de Almeida Prado's role within São Paulo's modernist movement.

Keywords: Mário de Andrade; Yan de Almeida Prado; Correspondence editing; Sociability; Cultural History.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
BIBLIOGRAFIA.....	33

INTRODUÇÃO

1. Carta, documento plural

O vigor de uma nova perspectiva historiográfica – a prevalência da narrativa, valorizando o indivíduo e o cotidiano, sobre a história quantitativa e serial – e a dinamização dos estudos de epistolografia possibilitam novas abordagens do grande volume de cartas escritas por intelectuais conservadas em arquivos públicos e privados, com o intuito de revelar a diversidade de práticas escriturais e de formas de sociabilidade.¹ Expressivo número de edições de correspondência encontra-se em circulação no Brasil, muitas delas difundindo diálogos na rede de sociabilidade modernista. Essa documentação da vida privada configura-se como importante fonte de informações para a história cultural e os estudos literários.²

Esta dissertação de mestrado se propôs a reconstituir o diálogo epistolar entre os escritores e intelectuais paulistas Mário de Andrade (1893-1945) e Yan de Almeida Prado (1898-1987), ocorrido entre meados de 1923 e julho de 1939. A pesquisa logrou localizar 14 cartas do autor de *Macunaíma*, seis delas conservadas na Academia Paulista de Letras e oito no Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, USP, assim como 31 mensagens do historiador e bibliófilo, pertencentes ao Fundo Mário de Andrade, no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Buscou-se levar a termo uma edição de texto fidedigno e anotada dessa documentação epistolar, inédita em sua quase totalidade.

A publicação de cartas encontra muitas justificativas. Dentre elas, a celebridade dos envolvidos na correspondência, a importância das informações históricas divulgadas

---

¹ Cf. MALATIAN, Teresa. “Cartas: narrador, registro e arquivo”. In: *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Ed. Contexto, 2009, p. 195, e RODRIGUES, Leandro Garcia. “Mário de Andrade e Alceu Amoroso Lima – correspondência, (des)harmonia e vida literária.” *Letras Hoje*. Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 154-162, abril-junho. 2014.

² SILVA, Rafael Pereira. *Modernismo, historiografia e sociabilidade intelectual: apontamentos sobre o quinto volume da coleção Biblioteca Histórica Brasileira (1931-1940)*. História (São Paulo), UNESP, v.31, n.2, jul/dez 2012, p. 320-321.

nos documentos, a qualidade estética dos textos epistolares³. Para Geneviève Haroche-Bouzinac:

“Toda correspondência oferece-se a quem quiser analisá-la como uma encruzilhada de problemas linguísticos, históricos e ideológicos. A polimorfia e plurifuncionalidade intrínsecas a esse gênero infiel a si próprio possibilitam múltiplas abordagens que vão desde a história da vida privada até as das práticas da escrita do eu, passando pela sociologia da literatura, a genética literária, a pragmática da comunicação à distância, etc. // Enquanto *documento*, a carta testemunha uma realidade histórica, sociológica, política ou literária.”⁴

A pesquisa no campo da epistolografia contribui ainda para a compreensão das práticas de construção de memória, já que cabe ao destinatário decidir se a missiva recebida será destruída ou não, assim como encontrar os meios necessários para preservá-la⁵. Ao redigir uma carta, o indivíduo coloca no papel informações acerca de seu cotidiano, ideias, projetos, reflexões e críticas que gostaria de compartilhar com o interlocutor⁶.

É preciso considerar que a carta não transmite fatos, mas uma versão deles, trazendo à tona aspectos da subjetividade e as opiniões de quem a subscreve. O pesquisador, quando aborda a correspondência, entra em contato com um objeto (materialidade e discurso) que pode lançar luz sobre o imaginário de outras temporalidades, permitindo a exploração de outras formas de ver, sentir e pensar o real⁷.

Abrindo-se a toda sorte de conteúdo, a carta pode ser tomada como fonte primária para a construção de textos historiográficos e para a composição de biografias. No caso do interesse biográfico, o pesquisador lida com um texto que exige muita cautela: toda carta, ao seu modo, favorece uma construção do sujeito forjada em função do vínculo que ele pretende estabelecer com o destinatário⁸, de modo a construir alianças, firmar amizades, manter contatos intelectuais e afetivos.

---

³ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Tradução Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2016, p. 19.

⁴ DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores do século XIX*. Tradução Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2016, p. 54-55.

⁵ MALATIAN, Teresa. Op. cit., p. 203.

⁶ PINO, Cláudia Amigo e ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução à Crítica Genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 138.

⁷ MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. *Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura*. Língua e Literatura, Departamento de Linguística, Letras e Artes Universidade Regional Integrada Frederico Westphalen, v. 13, n. 20, 2001.

⁸ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. Op. cit., p. 25.

A correspondência trocada entre intelectuais, além de ser uma forma de comunicação utilizada para compartilhar notícias, aconselhar e debater ideias, pode evidenciar a atmosfera vivida por um grupo de letrados. De acordo com a historiadora Teresa Malatian:

“A correspondência comporta troca de ideias, elaboração de projetos, sela pactos, expõe polêmicas, fixa rupturas. Pode-se detectar por meio dela as intrincadas redes de relações sociais que reúnem os seus autores. Isso é particularmente importante para o caso dos intelectuais, pois envolve a sua rede profissional, onde ocorrem trocas de livros, opiniões, sentimentos diversos e firmam-se estratégias de atuação entre os pares”⁹.

A correspondência, de fato, indicia a rede de sociabilidade à qual pertencem os interlocutores nela envolvidos, delineando um espectro social e cultural preciso. Nas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Yan de Almeida Prado surgem nomes como o de Sérgio Buarque de Holanda, Graça Aranha, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anitta Malfati, Villa Lobos, Di Cavalcanti, Antônio Carlos Couto de Magalhães, Lasar Segall, Paulo Padro, Olívia Guedes Penteado, Sérgio Milliet, Blaise Cendrars, Rubens Borba de Moraes, Guilherme de Almeida, Júlio de Mesquita Filho, Washington Luís, Affonso d’Escragnolle Taunay, entre outros.

Cabe recuperar, no campo teórico, a discussão proposta por Jean-François Sirinelli, quando trata de redes de sociabilidade, assim como as análises dos sociólogos Raymond Williams e Pierre Bourdieu, ao se debruçarem sobre os grupos de intelectuais.

Sirinelli, ao estudar sociabilidade no ensaio “Os intelectuais”, coloca em pauta a organização e o funcionamento de um periódico. O sociólogo reflete sobre o caráter instável dos vínculos entre as personalidades congregadas em uma publicação, observando, para além de debates puramente intelectuais, a existência de amizades e de inimizades. Nesse sentido, a afetividade passaria a ter importância, aspecto comumente negligenciado¹⁰.

A análise de Raymond Williams sobre o Círculo de Bloomsbury - grupo intelectual inglês, surgido no início do século XX, ao qual pertenceram a escritora Virgínia Woolf e o economista Maynard Keynes – pode ser útil para a leitura da correspondência Mário de Andrade e Yan de Almeida Prado, principalmente no que se refere à reflexão sobre as formas de sociabilidade fomentadas por um grupo intelectual, bem como sobre a relação desse grupo com a sociedade na qual está inserido. Ao analisar o grupo inglês, Williams aponta para alguns temas que serão importantes nesta pesquisa,

---

⁹ MALATIAN, op. cit., p. 208.

¹⁰ Cf. SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: Rémond, René (org.), *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro, FGV, 2003, p. 248- 253.

entre os quais a reflexão sobre a formação dos grupos intelectuais, em um determinado processo social e histórico¹¹, a importância de valores e hábitos compartilhados pelos integrantes de um grupo, favorecendo a sua coesão¹².

A concepção de “campo” desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu¹³, ao propiciar um olhar sobre a figura do intelectual em relação a outros intelectuais e a sociedade a que pertencem, se aproxima, de algum modo, do pensamento de Raymond Williams. Essa vertente crítica pode auxiliar a extrair da correspondência informações que favoreçam a compreensão do funcionamento do círculo modernista, bem como refletir sobre quais eram as estratégias de sociabilidade adotadas pelos intelectuais nela envolvidos.

Bourdieu, em “A ilusão biográfica”, situa o indivíduo na “estrutura” de uma “rede”:

“Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar o trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos na estrutura de distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado”.¹⁴

Essa proposição crítica faculta a compreensão das mudanças de pensamento e de personalidade de um sujeito ao longo tempo, registradas no texto epistolar, assim como a realização de uma abordagem da correspondência como fonte para se obter informações a respeito do funcionamento de um determinado campo intelectual dentro de uma realidade social.

---

¹¹ WILLIAMS, Raymond. “O círculo de Bloomsbury”, In: *Cultura e Materialismo*. São Paulo, Editora Unesp, 2011, p. 204 e 220.

¹² WILLIAMS, op. cit., 2011, p. 207.

¹³ O campo intelectual, “da mesma maneira que um campo magnético constitui um sistema de linhas de força, isto é, os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispoem, opondo e se compondo lhe conferem sua estrutura específica num dado momento do tempo. Por outro lado, cada um deles é determinado por fazer parte deste campo: à posição particular que ele aí ocupa deve, com efeito, propriedades de posição, irreduzíveis as propriedades intrínsecas, e, particularmente, um tipo determinado de participação no campo cultural, ao mesmo tempo que é, intrinsecamente dotado daquilo que chamaremos de peso funcional, porque sua ‘massa’ própria, isto é, seu poder (ou melhor sua autoridade) dentro do campo, não pode ser definido independentemente da posição que ocupa no campo”. (BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”. In: *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 105-106).

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 189-190.

Vale recuperar, igualmente, o encaminhamento crítico do historiador Fernando Amed, em sua interpretação das cartas de Capistrano de Abreu¹⁵. Amed busca mostrar que a correspondência é fonte para que o historiador compreenda aspectos do pensamento de intelectuais, não expostos em seus livros ou trabalhos publicados. Para o estudioso da “belle époque” brasileira, a correspondência pode ser compreendida como o bastidor da produção intelectual de um período, pois exprime uma dimensão privada da sociabilidade intelectual, em paralelo aos debates públicos, como os surgidos em publicações ou em colóquios.¹⁶

Eduardo Jardim, em sua biografia de Mário de Andrade, mostra como o polígrafo logrou obter importância no campo intelectual brasileiro também por meio de suas cartas: “O apoio de antigos e novos amigos foi decisivo para a consolidação da posição de destaque de Mário de Andrade no grupo modernista, que já tinha adeptos em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e Pernambuco. Muitas dessas adesões foram conseguidas pelo escritor por meio de suas cartas”¹⁷.

A edição da correspondência trocada entre Mário de Andrade e Yan de Almeida Prado pretende agora ampliar a bibliografia acerca da produção epistolar do autor de *Pauliceia desvairada*, fornecendo novos elementos para a apreensão das linhas de força da sociabilidade modernista, considerando-se alianças e rupturas.

2. Personagens, fundo de cena

O escritor paulistano Mário de Andrade (1893-1945) possui extensa fortuna crítica. Sua obra espalha-se em vários domínios, como literatura, música, artes visuais, etnografia, fotografia etc. Participou da Semana de Arte Moderna de 22, desenvolvendo depois diversos projetos estéticos no âmbito do modernismo. Foi professor do Conservatório Dramático Musical de São Paulo; esteve à frente do Departamento de Cultura paulistano, entre 1935 e 1938; atuou como professor na Universidade do Distrito Federal, no período em viveu na antiga capital, o Rio de Janeiro, de 1938 a 1941; colaborou com o Serviço de Patrimônio Histórico Nacional (SPHAN). Em sua obra,

---

¹⁵ AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque*. São Paulo: Alameda, 2006.

¹⁶ AMED, Fernando. Op. cit., p. 32 e 47.

¹⁷ JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade: Eu sou trezentos: vida e obra*. Rio de Janeiro: Edições Janeiro, 2015, p. 74.

destacam-se *Paulicéia Desvairada* (1922), *A Escrava que não é Isaura* (1925), *Amar, verbo intransitivo* (1927), *Macunaíma* (1928), *Ensaio sobre a música brasileira* (1928), *Remate de Males* (1930), *Modinhas imperiais* (1930), *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo* (1935), *O baile das quatro artes* (1942), *Os filhos da Candinha* (1943), *Aspectos da literatura brasileira* (1944) e um expressivo número de obras publicadas postumamente, como o romance inacabado *Café*, em 2015. Sua produção em periódicos é notável, assim como a sua epistolografia, que vem sendo divulgada em muitos volumes, preparados por diversos organizadores.

Yan de Almeida Prado, atuante no primeiro tempo modernista, foi objeto de poucos estudos; também não se construiu ainda, de forma mais alentada, o seu perfil biográfico, considerando as suas diferentes facetas intelectuais, como as de escritor, historiador e bibliófilo.

Consultando periódicos, esta pesquisa levantou algumas opiniões e depoimentos sobre Yan de Almeida Prado. Gilberto Freyre, na *Folha de S. Paulo*, em 14 de janeiro de 1979, assinou “Mestre Yan, o malicioso”, tecendo elogios ao intelectual filho de família paulista tradicional, interessado na cultura nordestina:

“Parece nome de chinês ou de oriental: Yan. Entretanto é como São Paulo conhece na intimidade um dos seus mais antigos fidalgos quatrocentões e um dos seus intelectuais mais eminentes: F. X. [sic] de Almeida Prado. Historiador autêntico. Autor de algumas das melhores páginas já escritas sobre o Brasil Colonial. Erudito. Bibliófilo. Colecionador de uma das mais completas brasileiras – talvez a mais completa – que um *scholar* já reuniu no Brasil. [...] Foi [Blaise] Cendrars – um estrangeiro – quem interessou os modernistas da Semana de Arte moderna de São Paulo na arte regional e tradicional barroca de Minas. Quem animou no admirável Paulo Prado a continuação de seus estudos de história paulista em particular e brasileira em geral. Também seria Cendrars quem se interessou pelos nordestinos: pelo que se promoveram no Brasil o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, não esquecendo a cultura afro-negra na cultura brasileira.[...] Tanto quanto Cendras, Yan de Almeida Prado antecipou-se em dar atenção a tais nordestinos. Em aperceber-se da importância de algumas de suas contribuições para uma nova interpretação cultural de valores brasileiros. Valores teluricamente brasileiros suscetíveis de ser reinterpretados em termos modernos. [...] Yan e Cendrars em vários pontos coincidiram em antecipações que o historiador da cultura brasileira não pode ignorar.”¹⁸

Desse depoimento emerge o perfil de um intelectual cujo interesse pela identidade brasileira pode ser comparado ao do poeta franco-suíço Blaise Cendrars, admirado pelos modernistas. Este, a convite do cafeicultor Paulo Prado, visitou o Brasil pela primeira vez em 1924, realizando excursão às cidades históricas de Minas Gerais, acompanhado de Mário e Oswald de Andrade, Tarsila, entre outros¹⁹. A indagação acerca da identidade

¹⁸ “Mestre Yan, o malicioso”. *Folha de São Paulo*, 14 de janeiro de 1979, p. 3.

¹⁹ JARDIM, Eduardo. Op. cit., pp. 70 – 71.

nacional poderia estar relacionada com a motivação que teria levado Yan a iniciar sua coleção de livros sobre o Brasil colonial e a sua curiosidade pelo Nordeste.

Em sintonia com o aposto “malicioso”, no título do artigo de Gilberto Freyre, o bibliófilo paulista Rubens Borba de Moraes, em entrevista a Sílvia Penteado, para *O Estado de S. Paulo*, em 24 de outubro de 1987, rememorou episódio envolvendo Yan:

“Um dia nos reunidos na casa de um amigo alguns dos mais importantes intelectuais paulistas participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, conversavam, quando Mário de Andrade fez menção de se levantar e ir embora. Imediatamente, no entanto, parecendo mudar de ideia voltou-se a sentar-se: ‘Acho melhor esperar para sair com todo mundo, se não serei o primeiro a ser atacado pelo Yan’, explicou Mário”.²⁰

O depoimento, buscando homenagear Yan, falecido em 22 de outubro, mostra a efetiva participação dele nas reuniões dos modernistas. Ao mesmo tempo, recuperava a imagem daquele que não se furtava a criticar, zombeteiramente, a atuação dos companheiros.

Na semana seguinte, *O Estado de S. Paulo* publicou artigo de E. L. de Almeida relembando Yan de Almeida Prado. O texto delineia uma imagem positiva do intelectual, recusando dados biográficos que pudessem deslustrar a atuação dele:

“Yan foi partícipe da história brasileira, acolhendo dentro de sua casa importantes figuras que idealizaram e fizeram acontecer a Semana de Arte Moderna de 1922 e a Revolução Constitucionalista de 1932. Ele viveu intensamente esses acontecimentos. [...] Os jornais noticiaram a sua morte destacando as bobagens mundanas e ofuscando a luminosidade de sua profícua vida e de sua generosidade manifesta quando doou para sua querida São Paulo todas as suas obras de arte e todas as suas bibliotecas.”²¹

O emparelhamento de aspectos positivos e negativos, na definição da personalidade de Yan de Almeida Prado, presentes nesses textos jornalísticos, revela sua complexidade, humanizando-a. Quem foi, afinal, esse intelectual, ativo na Semana de Arte Moderna, que se correspondeu com Mário de Andrade por mais de uma década, e que hoje se encontra visivelmente relegado ao esquecimento pelos historiadores da cultura brasileira?

João Fernando de Almeida Prado nasceu em 8 de dezembro de 1908, no seio de uma família cafeicultora de Rio Claro, no interior paulista²². De acordo com depoimento de João de Scantiburgo, a família Almeida Prado se originou em Itu, espalhando-se

---

²⁰ “O silêncio do eterno crítico de 22.” *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 24 de outubro de 1987.

²¹ “Yan de Almeida Prado”. *O Estado de S. Paulo*, 31 de outubro de 1987, p. 2.

²² Cf. SCANTIBURGO, João de. *Memórias da Pensão Humaitá*: crônica nostálgica da legendária casa de Yan de Almeida Prado. São Paulo: Editora Nacional, 1992, p. 13. E AMARAL, Aracy A. *Artes Plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Editora 34, 1998 p. 258.

posteriormente por Limeira, Jaú e Rio Claro, apresentando em sua genealogia vários barões imperiais, o que poderia explicar o posicionamento político conservador de Yan e sua preferência pela monarquia e seus ritos aristocráticos²³.

Yan de Almeida Prado, assim como Mário de Andrade, frequentou as reuniões literárias organizadas por Freitas Vale na Vila Kyrial, bem como os salões artísticos de Dona Olívia Guedes Penteado²⁴ e os almoços dominicais na residência de Paulo Prado, onde os intelectuais paulistas podiam debater arte moderna, política e economia²⁵.

Como artista plástico, Yan participou da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, expondo no saguão do Teatro Municipal de São Paulo desenhos produzidos a quatro mãos com Paim Vieira²⁶. Posteriormente, colaborou em periódicos modernistas nos quais Mário de Andrade também atuou, sinalizando a proximidade entre os dois intelectuais. Na revista *Klaxon* (outubro de 1922) assinou ilustração²⁷; publicou textos literários e de crítica em *Ariel: revista de cultura musical* (janeiro e agosto de 1924); em *Verde, revista semanal de arte e cultura*, de Cataguases (outubro e dezembro de 1927)²⁸; na *Revista de Antropofagia* (entre julho de 1928 e fevereiro de 1929)²⁹. No *Diário Nacional* de São Paulo, entre 17 de fevereiro de 1929 e 17 de março de 1929, estampou textos na coluna “Circo de Cavalinhos”³⁰. A *Revista do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo* difundiu, em março de 1937, o seu estudo “O Barão Homem de Mello, Representante de uma época”³¹.

Yan, como romancista, publicou *Os três sargentos*³², sob o pseudônimo de Aldo Nay. Como historiador, deixou produção profícua: *História da Formação da sociedade*

---

²³ SCANTIMBURGO, João de. Op. cit., p. 16, 22, 32

²⁴ SCANTIMBURGO, João de. Op. cit., p.56-57.

²⁵ WALDMAN, Tais. *Moderno Bandeirante: Paulo Prado entre espaços e tradições*. Tese de Mestrado (Pós-Graduação em Antropologia Social), USP, 2009, p. 63.

²⁶ AMARAL, Op. cit., p.184.

²⁷ AMARAL, Op. cit., p. 258-259 e, *Klaxon* Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo Estado de São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

²⁸ LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)visita(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp: Fapesp, 2011, p. 74, e *Verde, revista semanal de Arte e Cultura* Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo Estado de São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

²⁹ LUCA, Tania Regina de. Op. cit., 2011, p. 87, e *Revista de Antropofagia*, Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo Estado de São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

³⁰ Mário de Andrade atuou nesse periódico entre 1927 e 1932. Cf. ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas do Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

³¹ Ano 3, volume 32, março de 1937, pp. 61-64. A transcrição deste texto encontra-se presente nos anexos desta dissertação.

³² PRADO, João Fernando de Almeida (sob o pseudônimo de Aldo Nay). *Os três Sargentos*. São Paulo: Garraux, 1931.

brasileira: Primeiros povoadores do Brasil 1500-1530.³³, *Tomas Ender: um episódio da formação da classe dirigente brasileira 1817-1818*³⁴, *D. João VI e o início da classe dirigente no Brasil 1815-1889*³⁵, *Jean-Baptiste Debret*³⁶, *As Bandeiras*³⁷ e *O século da República e seus antecedentes*³⁸. Em abril de 1985, Yan foi eleito para a cadeira de nº 18 da Academia Paulista de Letras³⁹, ocupada por historiadores.

Yan de Almeida Prado ganhou renome igualmente como colecionador de obras raras sobre a história do Brasil. Sua substancial biblioteca encontra-se, atualmente, no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), adquirida após negociações iniciadas em 1962⁴⁰, ano em que Sérgio Buarque de Holanda fundou o instituto universitário de caráter interdisciplinar⁴¹.

Como historiador do movimento modernista, Yan reuniu, em 1976, no livro *Grande Semana de Arte Moderna*, uma série de artigos que esta pesquisa, até a presente data, não pôde identificar onde foram inicialmente difundidos. Nesses textos, Yan propôs uma revisão da memória construída acerca do evento, valendo-se também de cartas que recebeu de seus amigos modernistas. Inseriu na obra missivas recebidas de Sérgio Milliet, escritas entre 1923 e 1924; de Tácito Almeida, em 1924, tratando da movimentação intelectual do período; e de Mário de Andrade (com pequenas supressões de trechos), três mensagens, datadas de 5 de setembro, 13 de novembro de 1930 e 7 de março de 1931, estas, integrando o diálogo epistolar apresentado nesta dissertação. Patenteiam-se no livro considerações azedas de Yan em relação às cartas do companheiro falecido em fevereiro

---

³³ PRADO, João Fernando de Almeida (Yan). *História da formação da sociedade brasileira: primeiros povoadores do Brasil 1500-1530*. São Paulo: Editora Nacional, 1976 (Coleção Brasileira, v. 37).

³⁴ PRADO, João Fernando de Almeida (Yan). *Tomas Ender: um episódio da formação da classe dirigente brasileira 1817-1818*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. (Coleção Brasileira, v. 7).

³⁵ PRADO, João Fernando de Almeida (Yan). *História da Formação da Sociedade Brasileira: D. João VI e o início da classe dirigente no Brasil 1815-1889*. São Paulo: Editora Nacional, 1968. (coleção Brasileira, v. 345).

³⁶ PRADO, João Fernando de Almeida (Yan). *Jean-Baptiste Debret*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: EDUSP, 1973 (Coleção Brasileira v. 352).

³⁷ PRADO, João Fernando de Almeida (Yan). *As Bandeiras*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1987 (Coleção Brasileira, v 15).

³⁸ PRADO, João Fernando de Almeida (Yan). *O Século da República e seus antecedentes*. São Paulo: Ibrex, 1982

³⁹ Discurso de posse do Sr. João (Yan) Fernando de Almeida Prado. *Revista da Academia Paulista de Letras*. Ano XLIII, novembro de 1987, nº 106, p. 9-12.

⁴⁰ “Para a melhor Brasileira: 60 milhões”. *O Estado de S. Paulo*, 27 de maio de 1962 p. 23., “João Fernando de Almeida Prado”. *O Estado de S. Paulo*, 24 de outubro de 1987, p. 15 e “Coleção única de Livros Raros”. *O Estado de S. Paulo*, 19 de novembro de 1988, p. 7.

⁴¹ *Guia do IEB: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros*. Edição Ana Lúcia Duarte Lanna; produção editorial Fernanda da Silva Rodrigues Rossi. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2012, p. 15.

de 1945: “sempre foi grave defeito de Mário de Andrade escrever em cartas íntimas coisas desagradáveis contra amigos e seus parentes, a despeito de continuar a frequentá-los.”⁴².

Do mesmo modo, revisitando a Semana de 22, Yan compõe visão negativa acerca da atuação de Mário de Andrade e a de outros atores do movimento, como Oswald de Andrade. A rispidez com que tratou o autor de *Pauliceia desvairada* nessa obra memorialística surpreende, sem que se possa, hoje, compreender os reais motivos na base do desafeto póstumo. A correspondência apresentada nesta dissertação revela uma amistosa proximidade entre os dois escritores, que se mostravam afinados em muitos assuntos, principalmente na área de música.

3. “Escreva logo, longamente”⁴³

Yan de Almeida Prado e Mário de Andrade corresponderam-se entre 1923 e 1939, período no qual se notam momentos de adensamento na conversação e também de completo silêncio, como, por exemplo, entre 1928 e 1929, e entre 1932 e 1936. As cartas foram trocadas, em sua maioria, enquanto Mário estava em São Paulo e Yan em viagem pela Europa, quando cumpria a prospecção de obras que pudessem compor a sua biblioteca brasileira⁴⁴. As cartas possibilitaram, assim, a troca de informações acerca de acontecimentos no Brasil, na França e na Itália.

O conteúdo das cartas é plural, expressando interesses comuns dos interlocutores, como literatura, expressão linguística nacional, artes visuais, esportes, bibliofilia e política brasileira.

A correspondência inicia-se com extensa carta assinada por Yan, no início do segundo semestre de 1923, em sua estadia no Rio de Janeiro, que sediava a Exposição Universal, evento ligado às celebrações do Centenário da Independência do Brasil⁴⁵. A Exposição foi concebida para ser vitrine da modernidade de um país que vivenciara ruptura política no final do século XIX, na passagem do Império para a República. Procurava-se veicular a imagem de uma nação em sintonia com o contexto internacional,

---

⁴² PRADO, João Fernando de. *A Grande Semana de Arte Moderna: depoimentos e subsídios para a cultura brasileira*. São Paulo: EDART, 1976, p. 82-83.

⁴³ Carta de Yan de Almeida Prado a Mário de Andrade escrita em 9 de fevereiro de 1931.

⁴⁴ PRADO, João Fernando de. Op. cit., 1976, p. 93.

⁴⁵ SANT’ANA, Thais Rezende da Silva. *A exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro do início dos anos 1920*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2008, p. 97.

expondo “representações e visões da modernidade brasileira”.⁴⁶ Essa comemoração, ao lado da Semana de Arte Moderna, tentou fundar uma interpretação de Brasil pautada em uma suposta ideia de modernização. Inaugurada na segunda metade de 1922, a Exposição movimentava a antiga capital, chamando a atenção de Yan. Escreve ao amigo de São Paulo:

“Febril animação, ricos, empresários, corretores internacionais, comissários da exposição, Argentinos, Cocottes, Washington Luís, Olavo Egídio, Carlos de Campos, cáftens, Rodolfos Valentinos, Maria Melato, cabotinos, passadistas, futuristas, [Thinta] Naldi, Júlio Dantas, cavação sacadura, Forjaz Sampaio. Vi o Júlio quando se dirigia à Academia. Gordo, baixo, bigodudo, monóculo, uma comenda ao redor do pescoço, chapéu coco, pança, férrea elegância no andar, em suma uma fisionomia bem portuguesa.”

O evento internacional também propiciou a comercialização de objetos artísticos. Notícia Yan nessa mesma carta: “Vou ver se consigo no pavilhão francês, uma gravura de Debucourt. Daria tudo, até a preciosa testa do amigo para possuir o *Passeio no Palais Royal*. Veremos.”⁴⁷

A linguagem empregada por Yan nessa primeira carta ganha destaque, quando o missivista, em tom irônico e jocoso, lança mão de formas desviantes da norma culta do português, como por exemplo, “enderessava a carta ao Sr. Mário de Andrade”; “o Theatro Municipal [...] É horroroso, mas não irritante”; “macissas”; “O Otel admirável e bem moderno”, “o Eroísmo, a 5.000 por cabeça”.

A questão linguística, aliás, entra em pauta na correspondência, pois Yan emite crítica acerba à linguagem que Mário de Andrade passava a empregar em seus textos e em cartas a partir de 1923, expressão vincada pela oralidade, valorizando, por exemplo, formas populares e modismos regionais. Yan, em fevereiro de 1925, escrevendo de Paris, desqualifica a proposta linguística do amigo, ligando-a àquela que observava na criação de essência “Pau Brasil”, de Oswald de Andrade:

“[...] parece incrível como um veterano (afinal de contas você já escreveu uma porção de coisas, sabia português etc... etc...) cai em logros como Pau Brasil! Estou certo que a tua nova maneira de escrever veio parte de cogitações mal amadurecidas e parte do Oswald, embora indiretamente. Seja por querer espantar, seja para se fazer de moderno, inventaste a maneira caipira; o extraordinário é você Mário de Andrade, analista, crítico, esmiuçador, temperamento didático, não perceber quanto isso é romântico. Sentimentalismo do mais piegas o tal caipira, o coqueiro, o sabiá, a saia de cassa, a araponga, o bugre, [a coça], a choça, a rede, a rapadura, o pé de moleque, a guerra de Canudos [...].”⁴⁸

---

⁴⁶ Ibidem, p 11 e 29.

⁴⁷ Carta de YAP a MA, entre junho-agosto de 1923.

⁴⁸ Carta de YAP a MA, 6 de fevereiro de 1925.

Yan de Almeida Prado instaura, assim, nas cartas, um debate muito caro ao interlocutor. Mário de Andrade empenha-se, em sua resposta de 7 de março de 1925, em convencê-lo da importância da necessidade de uma “sistematização prática e culta da fala corrente no Brasil”, que se afastasse das normas gramaticais lusitanas:

“Ora deixe-se de historiadas a respeito de português de Portugal. Afinal as cartas de você são cartas de bom amigo e estou agradecido. Por enquanto pouca coisa posso dizer a respeito da língua que estou escrevendo. O que me deixou admirado foi você matutar que imito o Osvaldo. Pois se enganou. Se trata duma coisa séria e duma sistematização prática e culta da fala corrente no Brasil. Naturalmente parece pra vocês que ando imitando os caipiras e escrevendo caipira. Pois não ando, não senhor. Nem é por gosto de exótico que estou fazendo assim. Se trata duma coisa séria em que naturalmente terei erros e exageros. Ninguém abre caminho no mato-virgem sem se enganar na direção. Mas se eu tu ele dizemos “vou na cidade” hei-de escrever “vou à cidade” porque a gramática me ensina que em Portugal é assim que se diz? Besteira! Carecemos mas é de organizar uma gramática dos fatos da linguagem falada no Brasil como a gramática portuguesa foi organizada com os fatos da linguagem falada em Portugal. Cada vez mais nos distanciamos dos emboabas. Praquê agora havemos de nos prender a uma estilização de língua culta que não pertence à gente?”⁴⁹

As cartas de Yan de Almeida Prado trazem à baila referências a práticas culturais do início do século XX. Escreve a Mário, em 8 de agosto de 1923, valorizando o boxe:

“Estou te esperando para irmos você, Luís, Couto e eu, às reuniões pugilistas, que estão anunciando. Aqui os rapazes com uma lamentável mentalidade de “*jeunes vieux*” têm horror ao nobre boxe. Talvez por nunca terem assistido uma boa luta.”⁵⁰

Em março de 1925, entra em pauta o futebol, quando Yan dá notícias da fracassada atuação do Paulistano na França:

“O Paulistano esteve aqui; esquadra incompleta, reservas fracas do 2º team em vez de ser compostas ele de bons jogadores de outros clubs daí. A seguir péssima escolha em os contratos, ao invés de irem à Alemanha, Suíça, etc... o Paulistano seguiu por toda a parte da província francesa, às pegadas dos uruguaiois porém em situação de inferioridade; pegavam os nossos vizinhos no domingo com formidável assistência e o Paulistano num dia da semana com poucos espectadores e portanto renda reduzida; os uruguaiois fortíssimos; com [portes] de serem um [club] – só o Nacional, reuniam a fina flor dos jogadores orientais. Conseguiram fazer grande impressão, daí concluíram os franceses jogamos menos do que o Uru o que não é verdade.”⁵¹

---

⁴⁹ Carta de MA a YAP, 7 [março de 1925].

⁵⁰ Carta de YAP a MA, 8 de agosto de 1923.

⁵¹ Carta de YAP a MA, 30 de março de 1925.

As cartas de Yan olham para o século XX, mas também se mostram, em muitos passos, enraizadas na nostalgia da sociedade escravocrata brasileira do XIX. Desenhando nas mensagens dirigidas a Mário de Andrade alguns dos valores da classe aristocrática da qual proveio. Nesses termos, recusa, em outubro de 1924, o padrão burguês de vida, quando se propõe a reformar a sua residência:

“[...] quero aproveitar o mais possível quando estiver de novo na Paulicéia conseguir uma reforma geral na geringonça onde moro para que ela se torne menos antipática e por isso mais suportável. Pretendo arranjá-la bem, aos poucos, como quero, com voluptuosidade, saboreando aqui um bom resultado decorativo, acolá me valendo duma precedente experiência; se me fosse possível e se até lá a nossa indústria estivesse suficientemente adiantada tentaria desenhar eu mesmo os tecidos dos móveis e dos reposteiros. Só o burguês é que monta a casa de golpe, às pressas, sôfrego por se estatelar em móveis símile Maple [ilegível] o que é pior, no Maple autêntico, tal um argenteiro que compraria uma biblioteca inteira sem jamais conhecer o supremo gozo de perseguir de alfarrabista em alfarrabista o exemplar que lhe falta para completar as viagens de Saint-Hilaire ou todos os Proust em original.”⁵²

Em 27 de janeiro de 1925, alude à troca epistolar na época de seus antepassados, evocando os privilégios de sua classe na sociedade escravista:

“Espera pelo menos minha chegada, poderia te mostrar cartas velhas paulistas que tem incrível sabor em forma arcaicamente brasileira. São curiosíssimas com uma tão característica construção e termos tão deliciosamente singelos que eu guardei com o máximo cuidado, porém cuido servirem apenas como divertidos documentos sem outra utilidade, pois não se prestam a uma narrativa moderna. Foram escritas por parentes meus no tempo em que tudo ia tão devagar, devagarinho mesmo, que era necessário três escravos para a mesma carta, isto é, um moleque para trazer a tinta e fazer ponta na pena de pato, outro para levar ao portador que finalmente a transportava até o destino onde a cerimônia se desenrolava às avessas e com variantes, como por exemplo, o 1º moleque trazia os óculos em vez da bandeja com tinteiro, etc... etc...”⁵³

A ambivalência na postura modernista e tradicionalista de Yan de Almeida Prado sugere uma leitura do contexto histórico no qual a correspondência está inserida. O entusiasmo pelo boxe não fugia ao padrão de comportamento dos paulistanos do período. De acordo com o historiador Nicolau Sevcenko, no princípio do século XX, com a popularização da concepção do corpo humano como uma máquina que devia ser sempre

---

⁵² Carta de YAP a MA, 1 de outubro de 1924.

⁵³ Carta de YAP a MA, 27 de janeiro de 1925.

aprimorada, houve uma grande adesão dos paulistanos às práticas esportivas. O esporte, no contexto do pós-Primeira Guerra, foi visto como um meio disciplinalizador dos movimentos e da energia humana, o que favorecia a formação de soldados e de funcionários aptos a atuarem nas novas vagas de emprego surgidas nas fábricas; o adestramento físico levaria à adoção de novos hábitos alimentares e de higiene, além de uma regularização da vida cotidiana dos atletas amadores. Com o incentivo de figuras públicas, como a do conselheiro Antônio Prado (que construiu um velódromo em uma de suas propriedades) e a do político Washington Luís (que, exibindo a imagem de esportista, apadrinhou competições que iam do futebol às regatas no rio Tietê e à luta greco-romana), o esporte se tornou moda, oferecendo estímulos e emoções que serviram como válvula de escape para problemas sociais surgidos com a urbanização e modernização de São Paulo.⁵⁴

Deve-se considerar que Yan de Almeida Prado é oriundo de uma família enriquecida, graças ao cultivo de café em Rio Claro, região que, segundo o historiador Warren Dean, reunia “o setor mais progressista” e, ao mesmo tempo, a “mais retrógrado da sociedade brasileira”. Inovações tecnológicas, como os trens a vapor, foram contemporâneas da escravidão⁵⁵.

A industrialização em São Paulo e os constantes fluxos migratórios para a cidade, ocorridos no início do século XX, possibilitaram a ascensão econômica de imigrantes e de elementos não pertencentes à aristocracia. No decorrer desse processo de transformação (da Monarquia à República, da sociedade agrária à sociedade urbana), os membros da elite paulista procuraram criar artifícios para conservar ou obter posições sociais, garantindo a manutenção de seus lugares no poder⁵⁶.

Esses dados ajudam a compreender a postura ambígua de Yan de Almeida Prado nas cartas, expressando, ao mesmo tempo, o elitismo tradicionalista e valores da modernidade. O apreço de Yan pelos móveis da marca inglesa pode estar vinculado ao fato de que o cafeicultor, político e mecenas Freitas Valle – a quem cabia a concessão de bolsas do Pensionato Artístico de São Paulo – exibia em sua residência cadeira dessa

---

⁵⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 43-55 e nota 72 presente na p. 320.

⁵⁵ WARREN, Dean. *Rio Claro: um sistema brasileiro da grande lavoura 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e terra/ Círculo do Livro, 1977, p. 61-62.

⁵⁶ CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000, p. 39 e GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. “A modernidade brasileira reconta as tradições paulistas. In: MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy. *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas* Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, EdUERJ, 2008, p. 39 e 40.

mesma marca, seu “trono de Nero”; apenas o anfitrião podia sentar-se nela nos salões culturais que promovia⁵⁷. A apropriação de um dos símbolos exibidos por Freitas Valle em sua residência poderia indicar um sinal de pertencimento a determinado grupo intelectual, a um estrato social privilegiado.

A correspondência trocada entre Mário de Andrade e Yan de Almeida Prado coloca em pauta a participação de ambos em periódicos do tempo modernista, como *Klaxon*, *Estética* e *Revista Nova*. As cartas refletem, particularmente, a atuação dos escritores em *Ariel: revista de cultura musical* de São Paulo. Em 16 de junho de 1924, Mário escreve a Yan noticiando que se encontrava à frente dessa publicação, pedindo a colaboração do amigo:

“tomei a direção de *Ariel*. A revista está à morte, com onze contos de déficit. Sá Pereira não queria piorá-la para que pudesse viver nesse país. Indicou-me. Aceitei. É preciso tornar a revista mais leve e mais informativa. Vou fazer isso. Peço-te um artigo “Carta da Itália” sobre o movimento aí. Não insulta ninguém. Dá notícias e anedotas se possível. Não te esqueças desse pedido. É sincero e insistente. Não te incomodes com o.... luso idioma. Se houver qualquer coisa eu arranjaréi. Mas tenha o maior empenho nisso. Não te esqueças do pedido.”⁵⁸

Em resposta, Yan, em 11 de julho, pondera sobre o aspecto econômico da empreitada editorial assumida por Mário, dispondo-se a enviar texto:

“[...] receio apenas as proporções da tarefa. Não é pouca coisa ressuscitar defuntos, e se você não tomou a preocupação de garantir algumas subvenções, do conservatório, do governo com o auxílio do Valle, etc... Antes que S. Paulo entrasse em polvorosa (que trocadilho!) eu não sei se você poderá aguentar. Em todo o caso, vou me esforçar por conseguir aqui boas colaborações etc... Quanto a minha “carta”, mandá-la-ei assim que estiver em Milão.”⁵⁹

O diálogo epistolar prossegue tendo a revista de música como assunto. Mário, em agosto de 1924, agradece a contribuição de Yan:

“Gostei da tua carta ainda mais da tua crônica. Muito obrigado e continua. A crônica sairá no nº 10, lá pelo 12 do próximo setembro. Não pode sair do nº 9 que já estava composto. Mandá-lo-ei amanhã ou depois. Vê se me arranja três boas fotografias dos meus ídolos preferidos Pizzetti, Castelnuovo Tedesco e Malipiero. Preciso de ter a cara dessa gente [...]”⁶⁰

Em outubro desse ano, as cartas documentam o empenho de Yan de Almeida Prado em conseguir retratos de compositores, para que fossem estampados no periódico:

---

⁵⁷ CAMARGOS, Márcia. Op.cit., p. 49 e 50.

⁵⁸ Carta de MA a YAP, 16 jun. 1924.

⁵⁹ Carta de YAP a MA, 11 de julho de 1924.

⁶⁰ Carta de MA a YAP, 25 de agosto de 1924.

“Recebi uma carta onde você me pedia fotografias de italianos. Não mandei para não te prejudicar, porque graças à tua qualidade de diretor de Revista os tais te mandarão tudo o que quiseres até com dedicatória, logo...”⁶¹

Mário, em outubro de 1924, mostrava-se satisfeito, referindo-se à qualidade dos escritos no periódico: “Mandar-te-ei pra regalo o número de aniversário de *Ariel*. Sairá por todo o mês próximo e tem umas coisinhas boas, entre as quais um magistral poema do Ronald”. Essa carta dá ainda vazão a um dos assuntos recorrentes na correspondência, a música:

“Com a chegada do Couto [de Barros] nossa vidinha vienense se animou um pouco. Guilherme [de Almeida] e mulher também andaram por aqui. Tivemos boas tardes juntos. Pensei muito em ti com a execução do *Contratador de Diamantes* do Mignone. Queria te ver nos pulos com a vulgaridade das frases líricas da ópera. Em compensação a orquestra é muito bem tratada e uma dança do segundo ato excelente. Eu creio que o Mignone vai longe.”⁶²

Yan, pela vez dele, avalia, nesse mesmo mês, a recepção de Heitor Villa-Lobos na França:

“Pelo que soube nosso grande maestro [Villa Lobos] foi finalmente levado a sério pelo pessoal da zona. O Auric deu-se o trabalho de analisá-lo em artigos onde dizia detestá-lo tanto quanto Shonberg (?) pelas mesmas razões. O D’Indy achou a técnica do Villa perfeita, o *Noneto* fez sucesso e segundo minha opinião depois de Stravinsky é o nosso amigo “*el mejor*”. Quiçá tão bom quanto o russo porque não devemos esquecer que os trabalhos do Igor são extraordinariamente beneficiados pela maneira como Diaghilev os apresenta.”⁶³

Com uma colaboração de crítica musical de Yan de Almeida Prado em mãos, Mário de Andrade, em dezembro de 1924, comunicava ao autor a sua saída da direção da revista:

“Saí de *Ariel*. Ah! que malvadeza, Yan, me botaram pra fora da revista agora que ela estava tendo um destino e uma função. Te confesso que fiquei triste. Por sinal até a *Folhinha da Noite* em calorosa expressão lamentou minha saída. Estou de novo aquí. Não sei onde falar sobre música. Não faz mal. Tua crônica e entrevista, recebi. Vou corrigir e dá-las pra *Ariel*. Já falei com os novos redatores e eles aceitam. Assim não perdeste o teu tempo.”⁶⁴

A correspondência oferece igualmente importantes subsídios para se apreender a movimentação dos modernistas na década de 1920. Em Veneza, em julho de 1924, Yan menciona o encontro com Anita Malfatti, de quem obteve notícias hilárias de Oswald de Andrade. O estilo jocoso é marca registrada do missivista:

---

⁶¹ Carta de YAP a MA, 1 de outubro de 1924.

⁶² Carta de MA a YAP, 28 de outubro de 1924.

⁶³ Carta de YAP a MA, 1 de outubro de 1924.

⁶⁴ Carta de MA a YAP, 20 de dezembro de 1924.

“Por enquanto estou em Veneza, que é um sonho! Não tentarei descrever o indescritível. Por isso digo-te apenas que encontrei Anita. Ela está muito animada, e mostrou-me uma carta tua, contou-me também coisas engraçadíssimas do Oswaldo em Paris. Ele ia em casa do Léger dizia – ante um quadro cubista – mais c’est immense, c’est magnifique, c’est génial! Mais vous êtes un génie, monsieur! Mais vous êtes un génie! De outra feita esqueceu de dar gorjeta ao chauffeur de táxi; isto é gravíssimo em Paris, então o francês começou a descompostura assim – “Dis donc, spèce d’enflé...” é inútil te recomendar de não toques nisto ao Oswaldo. Então ele não perdoaria, nem a mim, nem a Anita. Embora seja inocente, ele levaria a mal a brincadeira.”⁶⁵

Mário de Andrade testemunha, em outubro de 1924, tensões no grupo de vanguarda, na oposição entre escritores no Rio de Janeiro e Oswald de Andrade

“Graça [Aranha] e o pessoal do Rio anda brigando ridiculamente com o Oswaldo, não sei se já te contei... Pois é verdade. Briguinha de comadres dum lamentável mau gosto e duma pequenez de pedregulho. A gente nem vê e pisa em cima. Acontece que dói o pé. É lamentável.”⁶⁶

Informações sobre alianças, rupturas e intrigas no meio modernista desenham aspectos da sociabilidade intelectual do período. Na primeira carta do conjunto, de meados de 1923, Yan transmite ao amigo de São Paulo a sua adesão à proposta do pintor Di Cavalcanti a respeito da elaboração de número de *Klaxon* dedicado às artes visuais, ideia que, como se sabe, não frutificou:

“O Di ao saber da partida de Anita participou-me a sua e teve a seguinte ideia, que acho ótima – fazer no *Klaxon* um número de desenhos onde colaborariam Barradas, Malfatti, Di, etc... – Ele se encarregaria de fazer os clichês de graça. Como achas? Caso seja viável responda-me logo. Vai a Portugal em agosto, já estando a trabalhar para a *Contemporânea* dirigida pelo A. Ferro. Também faz ilustrações para o *Paquetá* de Paul Fort, Ed. Sirène.”⁶⁷

Em sua viagem pela Itália, em 1924, Yan anuncia uma aliança que poderia fortalecer a equipe encarregada de manter a publicação de *Ariel*: “A propósito de diretores de orquestra; participei ao Sá Pereira que o Marinuzzi consentiu em ser o correspondente italiano do *Ariel* (e arranjar artigos; isso é muito bom).”⁶⁸

As cartas documentam contatos entre modernistas, como encontros no exterior (“em [...] encontrei Anita”⁶⁹) e jantares (“amanhã vou jantar com o Cendrars em casa do Sérgio [Milliet]”⁷⁰; “[...] tua carta [...] chegou durante o jantar. Estavam aqui o Sérgio e

---

⁶⁵ Carta de YAP a MA, 11 de julho de 1924.

⁶⁶ Carta de MA a YAP, 28 de outubro de 1924.

⁶⁷ Carta de YAP a MA, entre junho e agosto de 1923.

⁶⁸ Carta de YAP a MA, 11 de julho de 1924

⁶⁹ Carta de YAP a MA, 11 de julho de 1924.

⁷⁰ Carta de YAP a MA, 24 de novembro de 1924.

o Oswald os quais quiseram saber teus dizeres [...]”⁷¹). Yan, em outubro de 1924, coloca Mário de Andrade a par da movimentação de amigos comuns em Paris:

“[...] para te dar uma ideia da confusão que vai por cá. Tudo confuso, tudo apressado, tudo caro, tudo difícil. Não é comigo somente que isso se dá, com o resto do grupo também. O Couto, de malas feitas, o Villa, sempre genial e tenebroso, o Sérgio bem disposto, o Di (que ainda não vi) numa miséria completa [,] o Brecheret (também não vi)...”⁷²

Em algumas passagens do diálogo epistolar, os interlocutores partilham notícias acerca de suas produções. As cartas tornam-se, assim, “arquivos da criação”, pois documentam a história da edição e da publicação de obras. Escreve Mário, em outubro de 1924:

“Estou com minha *Escrava* no prelo. Talvez saia por todo novembro, não sei. Tive promessa disso. Ando descontentinho de mim. Isto é das minhas obras grandes. Não tenho confiança mais nelas. *Fräulein* que está completo, com as suas 300 e tantas páginas ora satisfaz ora me contrista. Trabalho. As preocupações dão pra viver e isso que é importante. Sou feliz no meio de tudo”⁷³

O diálogo epistolar torna-se também espaço de exercício da crítica. Em resposta às ressalvas de Yan acerca das opções teóricas adotadas em *A escrava que não é Isaura*, Mário afirma:

“A apreciação que você fez da *Escrava* é justa. Só não é quando você se insurge contra certos nomes que eu citei. Não me incomodo com o aplauso universal. Que tem agora citar Goll? Gosto dele e pronto. Cendrars não é mais elogiado do que ele. E Cocteau é um admirável poeta. Só errei mesmo citando o *Molo* que esse vale pouquíssimo ou nada. Picabia é engraçado, tenha paciência.”⁷⁴

Após a Revolução que levou Getúlio Vargas à presidência, em 1930, Mário de Andrade anuncia modificação em um romance retratando a produção cafeeira paulista, para adequá-lo aos últimos episódios da conturbada política republicana brasileira:

“Qual o quê! só te aviso que agora você tem um rival pros *Três sargentos* porque meu *Café*, com a ação principiada na crise do ano passado, e cujo problema social era só a crise, agora tem mais que contar uma revolução. E sempre acharei um jeito de botar três sargentos nele só pra te enqizilar.”⁷⁵

Yan, em resposta, em dezembro de 1930, fornece sua opinião sobre o projeto literário do amigo, aludindo à própria obra *Três sargentos*, “Episódio da revolução de 1924 em S. Paulo”, que publicara parcialmente, em capítulos, na primeira “dentição” da

---

⁷¹ Carta de YAP a MA, 30 de março de 1925.

⁷² Carta de YAP a MA, 1 de outubro de 1924.

⁷³ Carta de MA a YAP, 28 de outubro de 1924

⁷⁴ Carta de MA a YAP, 30 de março de 1925.

⁷⁵ Carta de MA a YAP 13 de novembro de 1930.

Revista de Antropofagia, do terceiro número, de julho de 1928, ao décimo, de fevereiro de 1929:

“Não misture *Café* com revolução. Não faça como o Batista Pereira, que, no dizer do Tobias Monteiro, é preguiçoso e quando escreve quer mostrar tudo o que sabe, e daí, mistura o Brasil com Europa, passando com a maior desenvoltura da Bahia à Grécia etc... etc... (mexericos de classe desunida). // Quanto aos *Três Sargentos*... foram para a cesta e você poderá intentar até quatro que não me interessa, no que diz prioridades, mas já me interessa como obra tua. Por isso que te aconselho a não misturar o café com novas invenções. Faça dois livros. O trabalho será “maior”, porém o gozo dos leitores também.”⁷⁶

Testemunhos e avaliações pessoais da vida política brasileira também ocupam espaço nas cartas. Mário e Yan referem-se à Revolução de 1924, o movimento tenentista, e à Revolução de 30. A historiadora Teresa Malatian avalia que a correspondência permite ao historiador a apreensão da subjetividade dos indivíduos, pois estes narram uma versão de acontecimentos e fornecem uma interpretação de seu cotidiano⁷⁷.

Sobre a revolução de 1924, Mário de Andrade relata a Yan, que se encontrava no exterior:

“Aqui: ainda uns restos de revolução. E francamente ainda não se sabe como isso vai acabar. Se soubesses um pouco de geografia do Brasil descrever-te-ia o movimento esquisito das tropas revolucionárias. O certo é que em vez de fugirem, como toda gente toda gente esperava, descendo o Paraná, via do Paraguai e da Argentina, estão subindo o rio! E voltaram de novo para as proximidades de Botucatu, seguindo os últimos e segredados informes. Segredados porque aqui anda uma atmosfera angustiosa de terror com a lei marcial e o estado de sítio. Nada se pode saber ao certo porque o governo domina tiranicamente, dá as notícias que quer e como quer e prende arbitrariamente todo mundo. Não há mais prisões no Rio e em S. Paulo. Os edifícios públicos estão sendo convertidos em xilindrós. Um horror! Calúnias e calúnias sobre os revolucionários. Tantas que chega não mais a irritar: enoja. O sr. Carlos de Campos esse então, enquanto fugido em [Guaianara], quando a cidade esteve nas mãos dos revolucionários, representava a farsa “O Belo adormecido no Pullman” e, incrível! compunha a Marcha da Vitória, que vai ser executada no próximo mês. Filhos de Putas! é o que são.”⁷⁸

De Paris, em outubro de 1930, Yan pede notícias a Mário sobre os acontecimentos políticos ligados à Revolução de 1930. O episódio político ficou registrado na memória social brasileira como um ruptura no fluxo da política republicana. Foi o ponto culminante de uma crise iniciada em 1920, expressando o descontentamento militar com a corrupção na política. As colunas tenentistas marcharam pelo país defendendo o fim da “Política do Café com Leite”, que alternava no poder presidentes de São Paulo e de Minas Gerais. O conflito demarcava os atritos entre uma ascendente classe média urbana e as oligarquias

---

⁷⁶ Carta de YAP a MA, 4 de dezembro de 1930.

⁷⁷ MALATIAN, Op. cit., 2009, p. 204.

⁷⁸ Carta de MA a YAP, 25 de agosto de 1924.

cafeicultoras, tanto quanto os problemas advindos da crise econômica global de 1929.⁷⁹

Yan indaga em outubro de 1930:

“O que está acontecendo aí? Os jornais franceses só dizem besteiras sobre o Brasil. Desejaria muito saber notícias, pormenorizadas. Como vai o *Diário Nacional*? Recebeu meus artigos? E os dois Paulos? Continuam brigando? E o novo governo? E o Isidoro? E os tiranos do Antigo Regime? E os empastelamentos? E a rapaziada? Há possibilidade de Couto ser ditador? E o Thiollier?/ Conte, conte e conte.”⁸⁰

Mário de Andrade atende à solicitação do amigo, agastado ao se lembrar da prisão de irmão, Carlos de Moraes Andrade, ligado ao Partido Democrático:

“[...] você me pede pra contar o que foi isso aqui... Impossível, seu mano, absolutamente impossível. A poltronice ingênita da sua sensibilidade de filho de rico, fez até você perceber, aliás, coisa facilíma, que ia arrebentar revolução por aqui e bateu asas, voou. Agora quer que eu conte. [...]. Aqui nesta sua casa viveu-se dias amargos. Nem bem revolução arrebentou, prenderam meu mano que teve a glória de ser o primeiro preso da revolução. Seguiram depois mais onze. Na minha gente que teve a energia pra não chorar, ninguém podia mexer com secreta atrás já sabe. De fato S. Paulo estava asfixiada com o antro do Perrepismo aqui. Com tudo isso passei meu dia de anos sem você pra recusar os doces e sem mais ninguém. A não ser Anita [Malfatti] que me escreveu um cartãozinho, os “amigos” nem coragem pra me telefonar tiveram, nem nesse dia nem nos vinte de prisão do meu mano. Mas estavam naturalmente animados das melhores intenções, só que como o telefone estava vigiado, e até cada caminhão que parava na porta, se tinha que mandar dizer o que era pro Laudelino filho da puta, casado com puta e se tiver filha há-de ser puta, o certo é que o prudente pra mim era não se comprometerem, fizeram muito bem. Exceto o [Antônio de] Alcântara [Machado] que não mudou e estive com ele esses dias. O sossego dele me ajudou a sossegar. Só que como resultado final eu estava bem informado, não como revolucionário mas por confidência. De resto: dois e dois são quatro e eu sabia que a Revolução vencia, era o dia de acabar com as nossas amarguras... de antes da revolução.”⁸¹

Outro eixo temático salta aos olhos na leitura da correspondência: as solicitações de Mário de Andrade para que Yan lhe compre obras no exterior. As cartas contêm, assim, informações acerca da proveniência de livros existentes no acervo da biblioteca de Mário de Andrade, atualmente preservada no Instituto de Estudos Brasileiros, USP.

Em 7 de fevereiro de 1925, quando o amigo se encontrava na capital francesa, mostrou interesse em adquirir exemplar da obra do pintor alemão Johann Moritz Rugendas, que esteve no Brasil entre 1821 e 1824, na Expedição Langsdorff. No mês seguinte, pede um “favor” ao amigo:

“[...] você vai sair já de casa e vai me comprar os *Esquisses d'une esthétique musicale scientifique* de Charles Lalo, Paris, Félix Alcan Edit. 1908. E hoje

⁷⁹ FAUSTO, Bóris. “A crise dos Anos 20 e a Revolução de 1930”. In: FAUSTO, Bóris. *O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000. Coleção História Geral da Civilização brasileira, vol. 9, p. 422-426.

⁸⁰ Carta de YAP a MA, 28 de outubro de 1930.

⁸¹ Carta de MA a YAP, 13 de novembro de 1930.

mesmo você bota o livro no correio pra mim. Registrado, não se esqueça. Careço imediatamente desse livro e como não sei do Sérgio me socorro de você. Aliás você foi o primeiro que me veio na cabeça porque toma as coisas bem a sério.”⁸²

Em setembro de 1930, escreve a Yan, afirmando ter “vontade dumas estupendas gravuras de caráter, interesse e assunto musicais”, para colocá-las em sua “saleta”.⁸³ Em dezembro desse mesmo ano, desvela o seu gosto bibliofílico:

“Você diz que é uma maravilha o *Cendrillon* de Pascin, por 1400 francos. Se tiver confiança pode comprar pra mim. Fiz um movimentinho agora e resultou 3 contos em caixa, lastro... papel. Se quiser que mande mando, mas está uma cacetada por causa que não se pode mandar mais que 300 milréis por vez e isso com mais empecilho que dantes. Mas sou bom pagador e o livro me interessa.”⁸⁴

A bibliofilia, que notabilizou tanto Yan de Almeida Prado, quanto Mário de Andrade, encontra-se igualmente presente nas cartas. Cabe lembrar, primeiramente, que os correspondentes tiveram seus nomes ligados à história da divulgação das *Memórias de um Colono no Brasil* (1850), de Thomaz Davatz, traduzida do alemão por Sérgio Buarque de Holanda. O livro (importante depoimento sobre o sistema de colonato adotado pelo senador Vergueiro em sua Fazenda Ibicaba), publicado como o volume 5 da coleção Biblioteca Histórica Brasileira publicado em 1931, traz apresentação de Rubens Borba de Moraes, na qual historia:

“Foi João Fernando de Almeida Prado (Yan), quem nô-lo revelou há uns quinze anos, quando adquiriu o único exemplar que conhecemos no Brasil e teve agora a generosidade de permitir que dele utilizássemos para esta edição. Mário de Andrade escreveu sobre ele no *Diário Nacional* dois artigos revelando o seu caráter profundamente humano.”⁸⁵

Os textos jornalísticos de Mário de Andrade aos quais Rubens Borba de Moraes se refere são “Agora, é não desanimar!...” e “Agora é não desanimar!”, divulgados, respectivamente, em 9 e 16 de agosto de 1931, no *Diário Nacional* de São Paulo. Na primeira crônica, expôs as suas impressões acerca do livro que Yan lhe emprestara, recuperando a narrativa da revolta dos colonos contra o Senador Vergueiro, no século XIX, e, ao mesmo tempo, aludindo a atos que vinha presenciando na política brasileira:

‘Na descrição desse ‘levante dos colonos contra os opressores’, o livro se torna interessantíssimo. Os processos mais perrepostas de opressão, de disfarce, de prepotência são utilizados contra os colonos e especialmente contra Davatz. Este é um ‘revolucionário’, ameaçado de morte, com negrões assalariados

---

⁸² Carta de MA a YAP, 30 de março de 1925.

⁸³ Carta de MA a YAP, 5 de setembro de 1930.

⁸⁴ Carta de MA a YAP, 31 de dezembro de 1930.

⁸⁵ DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. São Paulo: Editora Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. Coleção Reconquista do Brasil; nova série; vol. 11, p. 13.

esperando ele nas tocaias da noite; o protesto pacífico dos colonos é desvirtuado como um novo Palmares perigosíssimo.”⁸⁶

No segundo texto, Mário pede desculpas aos leitores pelas considerações emitidas na semana anterior: “o interesse, apenas de cronista, pelas anedotas que tinha a relatar, me fizeram esquecer que sem ressalva alguma da minha parte, o recato iria ferir o sentimento daqueles que guardam com justiça a memória do velho paulista”⁸⁷. Tal gesto pode indicar o modo como a crônica fora recebida pela elite paulistana.

O gosto de Yan por obras e documentos raros pode ser observado em suas cartas. Em uma de suas incursões pelo velho continente, alude ao preço de livros e a práticas de bibliofilia na época (como por exemplo, não abrir os cadernos dos volumes): “Os livros cá custam caríssimos, inabordáveis. A bibliografia cada vez mais complexa e exigente, e quando penso que o Rubens corta as páginas dos originais da N.R.F., fantástico!”⁸⁸ Menciona igualmente, em abril de 1925, um autógrafo de Padre Anchieta, cujo valor histórico poderia agregar conhecimentos a respeito do período colonial brasileiro:

“Foi-se incivilmente o Oswaldo com o qual eu combinara sugerir ao Washington, a compra dum autógrafo de Anchieta, à vista disso eu dei o inderesso do Uachintão (maneira paubrasil) ao livreiro Maggs que pouco depois recebeu a visita de S^a. Ex^a. Resultou ele autorizar o mister Yan a escrever para S. Paulo dizendo-se recomendado pelo [ilegível] que aconselhava a compra. É interessantíssimo o tal autógrafo em forma de carta e datado de Piratininga.// Peço contar nada por enquanto, são cousas confidenciais.”⁸⁹

Esse documento foi assunto de artigo de Paulo Prado, “Uma carta de Anchieta”, no quinzenário *Terra Roxa e Outras Terras*, em 20 de janeiro de 1926; o historiador propunha a aquisição da missiva.

4. Definição do corpus da pesquisa; transcrição e anotação da correspondência

A pesquisa reuniu 45 documentos:

---

⁸⁶ ANDRADE, Mário de. Op. cit., 1976, p. 410.

⁸⁷ ANDRADE, Mário de. Op. cit., 1976, p. 413.

⁸⁸ Carta de YAP a MA, 1 de outubro de 1924

⁸⁹ Carta de YAP a MA, 15 de abril de 1925.

Nº Documento	Autor	Local	Data	Procedência
1	YAP	Rio de Janeiro	[entre junho-agosto de 1923]	IEB
2	YAP	São Paulo	8 de agosto de 1923	IEB
3	YAP	Florença	18 de maio de 1924	IEB
4	MA	[São Paulo]	16 de junho [de 1924]	BBM
5	Anita Malfatti e YAP	Veneza	7 de julho de 1924	IEB
6	YAP	[Veneza]	11 de julho de 1924	IEB
7	MA	São Paulo	25 de agosto [de 1924]	BBM
8	YAP	Paris	1 de outubro de 1924	IEB
9	YAP	Paris	1 de outubro de 1924	IEB
10	MA	São Paulo	28 de outubro [de 1924]	BBM
11	YAP	Paris	24 de novembro de 1924	IEB
12	MA	[São Paulo]	20 de dezembro [de 1924]	BBM
13	YAP	[Paris]	25 de dezembro de 1924	IEB
14	YAP	[Paris]	27 de janeiro de 1925	IEB
15	YAP	Paris	6 de fevereiro de 1925	IEB
16	YAP	Paris	27 de fevereiro de 1925	IEB
17	MA	São Paulo	7 [de março 1925]	BBM
18	MA	[São Paulo]	30 de março de 1925	APL
19	YAP	Paris	30 de março de 1925	IEB
20	Oswald de Andrade e YAP	Paris	1925	IEB
21	YAP	[Paris]	11 de abril de 1925	IEB
22	YAP	Paris	15 de abril de 1925	IEB
23	MA	[São Paulo]	[março de 1927]	BBM
24	YAP	navio Astúrias	17 de julho de 1930	IEB
25	YAP	Salisbury	4 de agosto de 1930	IEB
26	MA	São Paulo	5 de setembro de 1930	BBM
27	YAP	Nápoles	2 de outubro de 1930	IEB
28	YAP	Paris	28 de outubro de 1930	IEB
29	MA	São Paulo	13 de novembro de 1930	APL
30	YAP	Paris	4 de dezembro de 1930	IEB
31	YAP	Paris	11 de dezembro de 1930	IEB
32	MA	São Paulo	22 de dezembro de 1930	APL
33	MA	São Paulo	31 de dezembro de 1930	APL
34	YAP	Paris	3 de janeiro de 1931	IEB
35	YAP	Paris	10 de janeiro de 1931	IEB
36	YAP	[Paris]	16 de janeiro de 1931	IEB
37	YAP	Paris	20 de janeiro de 1931	IEB
38	YAP	Paris	31 de janeiro de 1931	IEB
39	YAP	[Paris]	9 de fevereiro de 1931	IEB
40	MA	São Paulo	7 de março de 1931	APL
41	MA	São Paulo	19 de junho de 1937	APL
42	YAP	Rio de Janeiro	24 de junho de 1937	IEB
43	YAP	Rio de Janeiro	27 de junho de 1937	IEB
44	YAP	s/ dados	s/ dados	IEB
45	MA	Rio de Janeiro	20 de maio de 1939	BBM

O preparo editorial da correspondência trocada entre Mário de Andrade e Yan de Almeida Prado dialogou com os pressupostos metodológicos e críticos que fundamentam a *Coleção Correspondência Mário de Andrade* (IEB/USP)⁹⁰, coordenada pelos professores Telê Ancona Lopez, Marcos Antonio de Moraes e Tatiana Longo Figueiredo,

⁹⁰MORAES, Marcos Antonio de (org. intr. e notas). *Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 735 e 736.

reunindo interlocuções travadas entre o polígrafo paulista e outras personalidades da época modernista.

Na transcrição dos documentos que compõem o diálogo epistolar Mário de Andrade & Yan de Almeida Prado, efetuou-se atualização da ortografia, conforme a regra vigente. Conservaram-se, contudo, idiossincrasias e aspectos lúdicos na escrita dos correspondentes. Na carta inicial do conjunto, por exemplo, Yan grafa sem “h” algumas palavras (armônica, horroroso, omem); em outras cartas, ele transgride a norma vigente (“snóbica”, “inderesso”, “segundário”, “sucegar”, “você me pediste”), para obter efeito estilístico ou jocoso. Mário de Andrade, pela vez dele, introduziu formas orais na escrita epistolar (“sube”, “praquê”, “nágua” etc), em sintonia com o seu projeto de atualização da linguagem literária. Considerou-se, igualmente, a maneira como os correspondentes grafam nomes próprios, como por exemplo, “Oswaldo” (Oswald de Andrade).

Preservaram-se as abreviaturas de palavras, para registrar a fluidez na escrita das missivas.

A transcrição respeitou a pontuação original dos escritores, salvo em caso de erro patente, ou da necessidade de se atualizar uma pontuação que caiu em desuso. Por exemplo, a utilização de dois pontos para iniciar uma frase parentética nas cartas de Yan de Almeida Prado

Os títulos de livros, quadros, composições musicais citadas na correspondência aparecem em *itálico*; os títulos de artigos e poemas, entre aspas, seguindo a norma bibliográfica atual. Nome de navio está indicado em *itálico*. Foram mantidos os trechos sublinhados nas cartas, respeitando-se, assim, a intenção original dos interlocutores quando destacam passagens.

As apresentações de local e data escritas no início de cada carta foram normatizadas segundo o seguinte exemplo: “nome da cidade”, “dia” de “mês” e “ano”. No caso de locais e datas atestadas, utilizou-se o recurso dos colchetes.

Em face da dificuldade de se decifrar a caligrafia de Yan de Almeida Prado, os trechos com leitura conjectural são apresentados entre colchetes; na impossibilidade da decifração, empregou-se a forma “[ilegível]”.

A correspondência insere-se em uma cronologia. O procedimento de anotação das cartas levado a termo nesta pesquisa buscou, portanto, fornecer, exaustivamente, elementos contextuais, como informações biográficas de personalidades citadas, dados históricos, explicações sobre certos usos linguísticos (aspectos lúdicos, significado de algumas expressões estrangeiras e de termos que caíram em desuso), síntese de textos

mencionados etc. Esse encaminhamento, julgado aqui necessário, em face do caráter elíptico do texto das missivas, visa facilitar a compreensão delas, e assim, atingir ampla gama de leitores⁹¹.

Ao final das transcrições, acrescentou-se a análise documentária das mensagens, para que o leitor possa ter alguns elementos acerca de sua materialidade, sabendo-se que papel, tinta, timbres etc também carregam importantes significados. No caso da descrição das cartas assinadas por Yan de Almeida Prado, a pesquisa valeu-se das informações provenientes do CD-ROM *Catálogo da Correspondência de Mário de Andrade: edição eletrônica* (São Paulo: VITAE, IEB-USP, 2003), projeto coordenado pela Prof^a. Dr^a. Telê Ancona Lopez. O adendo informa igualmente o nome das instituições que conservam os documentos coligidos (Instituto de Estudos Brasileiros-USP, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin-USP, e Academia Paulista de Letras).

---

⁹¹ COLETTE, Becker. “O discurso sem escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola)”. *Patrimônio de Memória*. São Paulo, Unesp, v.9, n.1, janeiro de 2013, pp. 146-153.

BIBLIOGRAFIA

6.1 Mário de Andrade

6.1.1 Obra

ANDRADE, Mário de. *Amar Verbo Intransitivo: idílio*. São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi.

_____. Mário de. *Amar Verbo Intransitivo: idílio*. Belo Horizonte, 1944, 16ª edição

_____. *Café*. Estabelecimento de texto, introdução, posfácio e seleção de imagens por Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

_____. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Estabelecimento de texto Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

_____. *Música, Doce Música*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.

_____. *Música e Jornalismo: Diário de São Paulo*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Paulo Castagna. São Paulo: EDUSP: HUCITEC, 1993.

_____. *Obra Imatura*. Estabelecimento do texto Aline Nogueira Marques; coordenadora da edição Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. *Os Contos de Belazarte*, Estabelecimento de texto Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009

_____. *Os Filhos de Candinha: edição anotada*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentação por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento do texto Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

6.1.2. Correspondência

AMARAL, Aracy A. (org., introd. e notas). *Correspondência de Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. São Paulo, EDUSP, IEB, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotadas pelo destinatário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DUARTE, Paulo. Mário de. *Mário de Andrade por ele mesmo*. Prefácio de Antônio Cândido. São Paulo: HUCITEC: Secretaria Estadual de Cultura, 1986.

GUARANHA, Denise (estabelecimento de texto e notas). *Pio e Mário: diálogo da vida inteira*. São Paulo: Edições SESC SP, Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul: 2009.

MIRANDA, Murilo. *Cartas a Murilo Miranda 1943-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MATOS, Regiane. *Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e escritores uruguaios, peruanos, chilenos e colombianos: edição da correspondência*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos Brasileiros, 2016.

MORAES, Marcos Antonio de (estabelecimento de texto, notas e posfácio). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Pesquisa documental, iconográfica, estabelecimento de texto e notas Marcos Antonio Moraes. São Paulo: Global, 2010.

_____. (org.). “*Tudo está tão bom, tão gostoso...*”. *Postais a Mário de Andrade*. São Paulo: HUCITEC: Editora Universidade de São Paulo, 1993.

_____. (org., introd. e notas). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp: IEB, 2000.

MOREIRA, Pedro (org.) *Correspondência (Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda)*. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto de Estudos Brasileiros: Edusp, 2012.

ROSSETI, Maria (org.). *Cartas a Anita Malfatti*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

6.1.3 Fortuna crítica

CASTRO, Moacir, Werneck de. *Mário de Andrade, Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1998.

DASSIN, Joan. *Política e poesia em Mário de Andrade* São Paulo: Duas Cidades, 1978.

LOPEZ, Therezinha A. Porto de Ancona. *Índice da produção jornalística de Mário de Andrade (Anexo)*. Tese de Livre Docência em Literatura Brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas FFLCH – USP, 1991.

_____. *Mariodeandradiando*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de Jamais Aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2007.

_____. *A epistolografia de Mário de Andrade: Memória da Criação*. Patrimônio e Memória, CEDAP – Unesp – FCLAs, v. 3, n.1 , 2007

_____. *Correspondência de Mário de Andrade: Histórico e alguns pressupostos*. Patrimônio e Memória, CEDAP – UNESP – FCLAs, v. 4, n. 2, 2009.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Escrevendo Cartas, Escrevendo a Vida – A correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. Darandina, Programa de Pós-graduação em Letras/ UFRJ, s/d, V 1, n2.

SANTOS, Matilde Demétrio dos. *Ao Sol, Carta é Farol: A correspondência de Mário de Andrade e outros Missivistas*. São Paulo, Anablume, 1998.

6.2. Yan de Almeida Prado

6.2.1 Obra

PRADO, João Fernando de. *A Grande Semana de Arte Moderna: depoimentos e subsídios para a cultura brasileira*. São Paulo: EDART, 1976.

_____. *As Bandeiras*. São Paulo Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1987 (Coleção Brasileira, v 15).

_____. *História da Formação da Sociedade Brasileira: Primeiros povoadores do Brasil 1500-1530*. São Paulo: Editora Nacional 1976 (Coleção Brasileira, v. 37).

_____. *História da Formação da Sociedade Brasileira: D. João VI e o início da classe dirigente no Brasil 1815-1889*. São Paulo: Editora Nacional, 1968. (coleção Brasileira v. 345).

_____. *Jean-Baptiste Debret*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: EDUSP, 1973 (Coleção Brasileira v. 352).

_____. *O Brasil e o colonialismo Europeu*. São Paulo: Editora Companhia Editora Nacional, 1956 (Coleção Brasileira v.288).

_____. *O Século da República e seus antecedentes*. São Paulo: Ibrex, 1982.

_____. *Tomas Ender: um episódio da formação da classe dirigente brasileira 1817-1818*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. (Coleção Brasileira v. 7).

_____, (sob o pseudônimo de Aldo Nay). *Três Sargentos*. São Paulo: Ibrasa, 1985.

6.2.2 Fortuna Crítica

SCANTIMBURGO, João de. *Memórias da Pensão de Humaitá: crônica nostálgica da legendária casa de Yan de Almeida Prado*. São Paulo: Editora Nacional, 1992.

6.3. Bibliografia Geral.

- ABREU, Alzira Alves de e BELOCH, Israel (coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: 1930-.* Rio de Janeiro: Forense Universitária; FGV/CPDOC, 2001.
- AMARAL, Aracy A. *Artes Plásticas na Semana de 22.* São Paulo: Editora 34, 1998.
- _____. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas.* São Paulo: Editora 34, 1997.
- AMED, Fernando. *As Cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque.* São Paulo: Alameda, 2006.
- AMATO, Rita de Cássia Fucci. “Nacionalismo e Canto Orfeônico: Projeto Musicais e Educativos no Governo Vargas”. Revista *HISTEDBR On-line*. Faculdade de Educação Unicamp, Campinas, n.27, . 210-220.
- BECKER, Colette. *O Discurso de Escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola).* Tradução Lígia Fonseca Ferreira. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp. V.9, n.1, p.144-156, janeiro-junho, 2013.
- BERRIEL, Carlos Ornelas. *Tietê, Tejo e Sena: a obra de Paulo Prado.* Campinas: Papirus, 2000.
- BLOM, Philipp. *Os anos vertiginosos: mudança e cultura no Ocidente, 1900-1914.* Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BORTOLOTTI, Marcelo. “Roberto Heyman e as Falsificações de Debret”. In: *Arte e Ensaios: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais*. EBA/ UFRJ; Rio de Janeiro; nº 28, dezembro de 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* Introdução organização e seleção por Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. *A Ilusão Biográfica.* In: Usos e Abusos da História Oral. Organização por Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- _____. *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do Campo Literário.* Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Campo Intelectual e Projeto Criador.* In: Problemas do Estruturalismo. Tradução de Moacir Palmeira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- _____. *Esboço de Auto Análise.* Tradução, cronologia e notas Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional.* São Paulo: Editora Unesp: Museu Paulista, 2005.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sérgio Góis de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BUSCH, Wilhelm. *Juca e Chico: História de dois meninos em sete travessuras.* Tradução de Olavo Bilac. São Paulo: O Fiel Carteiro, 2015, livro digital.
- CACCIATORE, Olga Gudole. *Dicionário biográfico de música erudita brasileira: compositores, instrumentistas e regentes, membros da ABM (inclusive musicólogos e patronos).* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- CALDEIRA, João Ricardo de Castro. “Sérgio Buarque de Holanda e a criação do Instituto de Estudos Brasileiros da USP” In: MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy. *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas* Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, EdUERJ, 2008.
- CAMARGO, Maria Rosa de Martins de. *Cartas e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade.* São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana.* São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes: 2005.

CASANOVA, Pascale. *A República mundial das Letras*. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo editorial, 2012.

_____. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CENDRARS, Blaise. *O loteamento do céu*. Tradução de Geraldo Cavalvanti São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Etc..., Etc..., um livro 100% brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante, org. *Enciclopédia da Literatura Brasileira*. São Paulo: Global Editora: Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001, 2 volumes.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária, uma introdução*. Tradução e notas Sandra G.T. Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DAVATZ, Thomas. *Memórias de um Colono no Brasil (1850)*. Tradução de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Editora Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. Coleção Reconquista do Brasil; nova série; vol. 11.

DIAZ, Brigitte. *O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade: Formas e Funções da correspondência em alguns percursos de escritores do século XIX*. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2016.

DIAZ, José-Luis. *Qual a genética para as correspondências?* Tradução Cláudio Hiro e Maria Sívila B. Ianni. *Manuscrita. Revista de Crítica e Genética*, n. 15. Associação de Pesquisadores de Crítica Genética. São Paulo, Humanitas, 2007.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Oswald: itinerário de um homem sem profissão*. Campinas: Editora UNICAMP, 1989.

EULÁLIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars: ensaio, cronologia, filme, depoimentos, antologia, desenhos, conferência, correspondência, traduções*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Fapesp, 2001, 2º ed. rev. e ampl. por Carlos Augusto Calil.

FABRIS, Annateresa. *O Futurismo Paulista: Hipóteses para o Estudo da Chegada da Vanguarda ao Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.

FAUSTO, Bóris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FAUSTO, Bóris. *O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000. Coleção História Geral da Civilização brasileira, vol. 9.

FERES, Nites Terezinha. *Aurora de Arte século XX: a modernidade e seus veículos de comunicação – estudo comparativo*. Tese de Doutorado, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

FERREIRA, Antônio Celso. *A Epopeia Bandeirante: letrados, instituições, Invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lucília de (org.). *O tempo do liberalismo excludente: Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Coleção O Brasil Republicano vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Reação Republicana e a Crise Política dos Anos 20*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n 11, 1993.

FONSECA, Maria Augusta. *O Palhaço da Burguesia: Serafim Ponte Grande de Oswald de Andrade e suas relações com o Universo do Circo*. São Paulo: Editora Polis, 1979.

_____. *Oswald de Andrade: biografia*. São Paulo: Globo, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A Escrita de si*. In: O que é um autor? Trad. José A. Bragança de Miranda e Antonio Fernando Cascais. [Portugal]: Vega, 1992.

Guia do IEB: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros. Edição Ana Lúcia Duarte Lanna; produção editorial Fernanda da Silva Rodrigues Rossi. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2012.

GAY, Peter. Modernismo: o fascínio da heresia de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. Tradução de Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

GALVÃO, Walace Nogueira. *À Margem da Carta*. IN: Desconversa (ensaios críticos). Rio de Janeiro, UERJ, 1998.

GINSBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras 1990.

GLASER, André. *Raymond Williams: Materialismo Cultural*. Rio de Janeiro: Biblioteca 24 Horas, 2011.

GREMBECKI, Maria Helena. Mário de Andrade e *L'Esprit nouveau*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/ USP, 1969.

GRINBERG, Piedade Epstein. *Di Cavalcanti: um mestre além do cavalete*. São Paulo: Metalivros, 2005.

Guia de Bens Culturais da Cidade de São Paulo. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico: Imprensa Oficial, 2012.

GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. “A modernidade brasileira reconta as tradições paulistas. IN: MONTEIRO, Pedro Meira e EUGÊNIO, João Kennedy. *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas* Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, EdUERJ, 2008.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, L'olio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2012.

HARRIS, Elisabeth Davis. *Le Corbusier*: Riscos Brasileiros. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa e Antônio Pádua Danesi. São Paulo: Nobel: 1987.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Tradução Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: 2016.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no Início da República. In: FREITAS, Marcos Cêzar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

HERENÚ, Paulo Emílio Robert. *Sentidos do Anhangabaú*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade: Eu sou trezentos: vida e obra*. Rio de Janeiro: Edições Janeiro, 2015.

JÈRÔME, Michaud-Larivière. *Hoje Cendrars parte para o Brasil*. Tradução de Antônio Carlos Viana e André Viana. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JUNIOR, René Duarte Gonçalves. *Friedenrich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História Social). USP, 2008.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário crítico da pintura no Brasil*: Rio de Janeiro, Artlivre, 1988.

LOURENZO, Helena Carvalho de COSTA, Wilma Peres da (org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

LUCA, Tânia Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp: Fapesp, 2011.

MASCARENHAS, Mário. *Curso de Piano para jovens e adultos*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1999, 2º volume.

MACHADO, Álvaro Manuel, org. *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1966.

MALATIAN, Teresa. *Cartas: Narrador, Registro e Arquivo*. IN: O Historiador e suas Fontes. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

MARIZ, Vasco. *Villa Lobos: o homem e a obra*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música: Francisco Alves, 2005.

MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. *Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura*. Língua e Literatura, Departamento de Linguística, Letras e Artes Universidade Regional Integrada Frederico Westphalen, v. 13, n. 20, 2001.

MAYOR, A. Hyatt. *Prints & People: a social history of printed pictures*. Nova Iorque: 1972.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. “Para uma teoria da Carta, notas de pesquisa”. IN: *As Máscaras da Totalidade Totalitária*. Memória e produção sociais. Forense Universitária, 1988.

NOGUEIRA, Galvão Walnice e GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Prezado Senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PASSIANI, Enio. *Afinidades Seletivas: Uma comparação entre as Sociologias da Literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams*. Estudos de Sociologia, Unesp Araraquara, .14, n.27, 2009.

PINO, Cláudia Amigo e ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução à Crítica Genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PIRES, Daniel. *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do século XX*. Lisboa: Editora Contexto, 1986.

PIPER, Sir. David (org.). *The random house dictionary of Arts and Artistis*. Ney York: Random House, 1988.

POMARI, Gerson Luís. *O Pintor e Poeta: Olavo Bilac como tradutor de histórias ilustradas infantis*. Revista de Letras, volº. 49, nº. 1, pp 79-99, Universidade Estadual Paulista, 2009.

PRADO, Paulo. *Paulística, etc*. Org. Carlos Augusto Calil, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROCHA, Andrée Crabé. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1965, pp. 13 - 36.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Afinal, a quem pertence uma carta? Letrônica*, Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 6, n.1., janeiro-junho de 2015, p.222-231.

RODRIGUES, Leandro Garcia. “Mário de Andrade e Amoroso Lima – correspondência, (des)harmonia e vida literária.” *Letras Hoje*. Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 154-162, abril-junho. 2014.

SADIE, Stanley. *Dicionário Grove de música: edição concisa*. Tradução Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

SALLES, Cecília Almeida *Crítica Genética: Uma nova Introdução; fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. São Paulo: EDUC, 2000.

SANCHES, Rodrigo Ruiz. “Sérgio Buarque de Holanda na USP”. *Revista Sociedade e Estado* - Volume 26 Número 1, Janeiro-Abril 2011.

SANT’ANA, Thais Rezende da Silva. *A exposição Internacional do Centenário da Independência: Modernidade e Política no Rio de Janeiro do início dos anos 1920*. Tese de Mestrado, Unicamp, 2008.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos críticos*. São Paulo: Iluminuras/ Fapesp: 1995.

SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2014.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Orfeu extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

SIRINELLI, Jean-François. “Os Intelectuais”. In: Rémond, René (org.), tradução Dora Rocha. *Por uma história Política*. Rio de Janeiro, FGV, 2003, pp. 231-270.

SERPA, Élio Cantalício. “Congresso da Língua Nacional Cantada de 1937: ‘a insensatez maravilhosa da militarização das vogais’. Nacionalismo, aça e língua”. *Diálogos Latinoamericanos*. Aarhus/ Dinamarca, nº 1, 2001.

SILVA, Rafael Pereira. *Modernismo, historiografia e sociabilidade intelectual: apontamentos sobre o quinto volume da coleção Biblioteca Histórica Brasileira (1931-1940)*. História (São Paulo), UNESP, v.31, n.2, jul/dez 2012, p. 310-337.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. *Harpas Selvagens*. Livro digital. Poeteiro Editor Digital: São Paulo, 2014.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da Solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

TONI, Flavia Camargo. “A primeira fase de Ariel, uma revista de música”. *Revista Música Hodie*, Revista Pós Graduação em Música da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, V.15 - n.1, 2015, p. 154-170.

VAINFAS, Ronaldo (org). *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

WALDMAN, Tais. *Moderno Bandeirante: Paulo Prado entre espaços e tradições*. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Antropologia Social), USP, 2009.

WARREN, Dean. *Rio Claro: um sistema brasileiro da grande lavoura 1820-1920*. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho Rio de Janeiro: Paz e terra/Círculo do Livro, 1977.

_____. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. Tradução de Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Europeia do Livro: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. Tradução de André Glaser São Paulo, Editora Unesp. 2011.

_____. *Cultura*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Política do Modernismo: Contra os novos conformistas*. Tradução de André Glaser. São Paulo, Editora Unesp. 2011.

_____. *Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Prefácio de Maria Helena Cevasco, Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

6.4 Periódicos e Revistas

A Noite.

A Revista. Edição Fac-símile. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo Estado de São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

Ariel: revista de cultura musical.

Diário Nacional.

Estética: Uma afirmação construtiva do Modernismo. Edição Fac-símile. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo Estado de São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

Klaxon Edição Fac-símile. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo Estado de São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

O Estado de S. Paulo.

Revista de Antropofagia. Edição Fac-símile. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo Estado de São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

Revista Nova.

Terra Roxa e Outras Terras. Edição Fac-símile. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo Estado de São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.